

## Editorial

# TRANSPLANTAÇÃO DE ÓRGÃOS

A transplantação de órgãos sempre esteve associada ao imaginário das pessoas.

Em Portugal a transplantação de órgãos tem diversos marcos importantes, sendo um dos países com maior taxa de doação de órgãos por milhão de habitantes, o que se deve ao regime de consentimento presumido, tornando obrigatória a derrogação da dádiva, apenas mediante o registo em vida dessa vontade no RENNDA<sup>1</sup>.

O termo transplantação foi utilizado pela primeira vez pelo cirurgião John Hunter em 1771, quando de um transplante de dentes de uma pessoa para outra.

Foi em Coimbra, no Hospital da Universidade que foi efetuado o primeiro transplante de órgão sólido, de um rim, a 20 de julho de 1969. Foi realizado em dador vivo e entre irmãos, curiosamente no mesmo dia em que o módulo *Eagle* da missão Apolo aterrava na Lua.

Atendendo a este marco histórico foi instituído pelo governo português a 20 de julho deste ano, o Dia Nacional da Doação de Órgãos e da Transplantação, justificado pelo reconhecimento aos dadores e famílias, aos profissionais de saúde, assim como para alertar para a importância da doação de órgãos.

Decorridos que são 50 anos do primeiro transplante em Portugal, ao longo destas cinco décadas, as equipas que os realizarem, aprofundaram e otimizaram os programas de transplante de órgão.

À transplantação de rim, sucederam-se outros transplantes de órgão, fígado, coração, pâncreas, pulmão, bem como transplantes de tecido e células. Ao transplante de um órgão sucedeu o transplante duplo em pessoas com doenças graves e múltipla falência de órgão. O transplante renal é o que predomina em quase todas as séries, quer de forma isolada quer em transplante duplo. No Hospital de Santa Marta, realizou-se em 2017 o primeiro transplante de coração artificial em adulto, sendo um marco importante do CHULC.

---

<sup>1</sup> Registo Nacional de Não Dadores

A transplantação pode prolongar o tempo e a qualidade de vida das pessoas recetoras e cada dador beneficia em média cinco pessoas, podendo ser a única alternativa para manter a vida de um doente.

O CHULC continua a colocar o país na vanguarda da transplantação, facto demonstrado pelos resultados obtidos nesta área, mas uma das questões de maior relevância e preocupação em matéria de transplantação é a escassez de órgãos, estando na origem do aumento do número de pessoas em lista de espera para transplante, fazendo crescer também o número de pessoas que vêm a falecer sem terem essa oportunidade terapêutica. Por outro lado, a maioria dos dadores tem mais de 70 anos o que faz com que na altura do transplante haja menor número de órgãos a poder ser aproveitados.

O desafio passa, hoje, por definir estratégias para a promoção da doação de órgãos e o futuro, há quem afirme, passa pela criação de órgãos geneticamente modificados. Seja como for, o que importa é que as equipas do CHULC continuem o seu trabalho de inovação, de qualidade e competência.

*Maria José Costa Dias*

*Enfermeira diretora*